



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

Ana Clara Granja

**“QUE HORAS ELA VOLTA?”: FEMINISMO, INTERSECCIONALIDADE E  
MATERNIDADE**

Brasília

2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

Ana Clara Granja

“QUE HORAS ELA VOLTA?”: FEMINISMO, INTERSECCIONALIDADE E  
MATERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade de Brasília –  
Departamento de Serviço Social como  
requisito parcial para obtenção de grau de  
bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Profa. Dra. Hayeska Costa  
Barroso

Brasília

2024

Dedico este trabalho à minha mãe, que não desistiu da graduação nem de mim, enfrentou a família e professores. Você é exemplo e inspiração. Essa monografia é a prova de que seu esforço valeu à pena.

Ana Clara Granja

**“QUE HORAS ELA VOLTA?”: FEMINISMO, INTERSECCIONALIDADE E  
MATERNIDADE**

Aprovado em: 22 de agosto de 2024

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Hayeska Costa Barroso  
Universidade de Brasília

---

Prof. Ms. Patrícia Cristina da Silva Pinheiro  
Universidade de Brasília

---

Ms. Janaína Alves Costa  
Universidade de Brasília

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio incondicional e o amor inabalável da minha família composta pela minha avó Maria do Carmo, meu irmão e grande amor: Samuel, minha mãe Fernanda Granja, minha tia Cida e Neurialan. Agradeço profundamente por estarem ao meu lado, compreendendo as horas dedicadas a este projeto, oferecendo encorajamento nos momentos difíceis e celebrando comigo cada conquista alcançada. Vocês são a base sólida que sustenta meus sonhos e realizações. Obrigado por serem minha fonte inesgotável de inspiração e suporte durante essa jornada

Gostaria de dedicar um momento para expressar minha sincera gratidão ao meu incrível parceiro, Bruno. Seu amor e incentivo constante, sua presença e seu apoio. Obrigada por estar ao meu lado, por compreender as horas dedicadas a este projeto

Às vezes, o apoio mais valioso vem daqueles que caminham ao nosso lado desde o início. Aos meus incríveis amigos, que têm sido uma parte fundamental da minha jornada desde os tempos do ensino médio: Lais Aparecida, Matheus Alves e Ana Clara Vieira. Compartilhamos risadas, histórias, sonhos e, agora, a jornada até este momento especial, nossa amizade tem sido um pilar em minha vida, um refúgio nos momentos difíceis e uma fonte infinita de apoio e incentivo. Cada um de vocês deixou uma marca na minha vida. Agradeço por estarem sempre presentes, por compreenderem minhas ausências e por celebrarem comigo cada conquista. Este Trabalho de Conclusão de Curso é o resultado não apenas do meu esforço, mas também do amor e amizade que vocês têm me oferecido ao longo desses preciosos anos. Obrigado por serem os melhores amigos que alguém poderia ter."

À Ana Luísa Villa Real, minha brilhante dupla, que trouxe mais luz e diversão durante a graduação. Desde o início da nossa jornada acadêmica, compartilhamos não apenas disciplinas, mas sonhos, desafios e, especialmente, o caminho até este trabalho. Juntas, enfrentamos obstáculos, celebramos conquistas e construímos memórias inesquecíveis. Sua colaboração e apoio constante não apenas contribuíram para este Trabalho de Conclusão de Curso, mas também enriqueceram minha experiência

universitária. Agradeço por sua amizade, por cada momento de estudo, por cada ideia compartilhada e por ser uma parte essencial deste percurso.

Agradeço imensamente à minha orientadora Profa. Dra. Hayeska Costa Barroso, desde o projeto de PIBIC até a conclusão deste Trabalho de Conclusão de Curso, sua orientação, apoio e inspiração foram fundamentais para meu crescimento acadêmico e profissional. Além de ser uma mentora excepcional, você se tornou uma amiga próxima, compartilhando não apenas conhecimento, mas também experiências e conselhos valiosos. Sua dedicação incansável, paixão pela pesquisa e comprometimento com a excelência acadêmica são verdadeiras fontes de inspiração para mim. Agradeço por acreditar no meu potencial, por guiar meus passos com paciência e por sempre incentivar minha busca pelo conhecimento. Esta conquista não teria sido possível sem sua orientação atenciosa e seu apoio constante. Mais do que uma orientadora, você se tornou um exemplo a seguir, tanto no âmbito acadêmico quanto no pessoal. Sou profundamente grata por ter tido o privilégio de aprender e crescer sob sua orientação e amizade.

A todos os professores do curso de Serviço Social e aqueles com quem tive oportunidade de realizar trocas dentro de sala de aula, obrigada por contribuírem na minha formação profissional.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso versa sobre a análise da obra “Que horas ela volta?” a partir da abordagem da interseccionalidade, feminismo, maternidade e maternagem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental. As motivações para a proposição da presente pesquisa estão ancoradas nos debates empreendidos no Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Maternidades, Parentalidade e Sociedade - GMATER, mais especificamente a partir das reflexões realizadas na atividade semestral do Debate CineMATER, cujo objeto de discussão se constitui um filme que aborda a temática sobre maternidade e temas afins. O objetivo é realizar uma análise fílmica como método de pesquisa, que visa verificar as relações sociais presentes na realidade brasileira e o impacto das desigualdades de raça e classe na vida das mulheres. Além da a revisão bibliográfica voltada para obras feministas que remontam aspectos históricos e se propõem a construir o estado da arte em torno de categorias, como "feminismos", "interseccionalidade", "maternidade" e “maternagem”, reconhecendo-as como marcadores teóricos e políticos imprescindíveis à análise pretendida. Por fim, cabe ressaltar que os resultados esperados aspiravam identificar objetos centrais e relacioná-los na obra “Que horas ela volta?” buscando exemplificar seus impactos na vida das mulheres, de forma que estas aspirações foram devidamente alcançadas e abordadas, por meio da articulação de aspectos palpáveis do cotidiano com referências teóricas que permitem análises sólidas do discurso que debate raça e sobretudo o trabalho doméstico remunerado no Brasil, que revela traços da formação social e histórica brasileira presentes na relação entre patrão e empregados abrindo margens para análises de questões de natureza geracional mas também de classe de raça e de gênero. Pode se configurar em potente ferramenta educativa e pedagógica para se discutir o trabalho doméstico no Brasil, classe social e traços da formação da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Mulheres; Feminismos; Interseccionalidade; Maternidade.

## ABSTRACT

This Course Completion Work deals with the analysis of the work "What time does she come back?" from the approach of intersectionality, feminism, motherhood and motherhood. To this end, a bibliographic and documentary research was carried out. The motivations for the proposition of this research are anchored in the debates undertaken in the Study and Research Group on Maternity, Parenting and Society - GMATER, more specifically from the reflections carried out in the biannual activity of the CineMATER Debate, whose object of discussion is a film that addresses the theme of motherhood and related themes. The objective is to carry out a film analysis as a research method, which aims to verify the social relations present in the Brazilian reality and the impact of race and class inequalities in the lives of women. In addition, the bibliographic review focused on feminist works that go back to historical aspects and propose to build the state of the art around categories such as "feminisms", "intersectionality", "motherhood" and "motherhood", recognizing them as theoretical and political markers essential to the intended analysis. Finally, it should be noted that the expected results aspired to identify central objects and relate them in the work "What time does she come back?" seeking to exemplify their impacts on women's lives, so that these aspirations were duly achieved and addressed, through the articulation of palpable aspects of daily life with theoretical references that allow solid analyses of the discourse that debates race and especially paid domestic work in Brazil, which reveals traces of the Brazilian social and historical formation present in the relationship between employer and employees, opening margins for analysis of issues of a generational nature, but also of class, race and gender. It can be configured as a powerful educational and pedagogical tool to discuss domestic work in Brazil, social class and traits of the formation of Brazilian society.

**Keywords:** Women; Feminism; black feminism; intersectionality; motherhood.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>DO “TEATRO DAS SOMBRAS” À ABORDAGEM DA OBRA “QUE HORAS ELA VOLTA?”.....</b>	<b>12</b>
2.1	Reflexões históricas e contextuais sobre o Cinema.....	12
2.2	Luzes, câmera e ação: ambientando a obra “Que horas ela volta?”.....	16
<b>3</b>	<b>“QUE HORAS ELA VOLTA?” À LUZ DO DEBATE SOBRE FEMINISMO, MULHERES E TRABALHO.....</b>	<b>19</b>
3.1	“Ela é segura demais de si”: Feminismo e classe social na contemporaneidade.....	19
3.2	Mulher x trabalho: importância, ocupação e permanências.....	23
3.3	“Você me respeita que eu sou sua mãe”: Maternidade e maternagem - uma construção do afeto.....	26
<b>4</b>	<b>TRABALHO DOMÉSTICO E ECONOMIA DO CUIDADO COMO LENTES INTERPRETATIVAS PARA ANÁLISE DO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”.....</b>	<b>31</b>
4.1	“Você é praticamente da família”: quando o afeto oculta a exploração....	33
4.2	Compreendendo a economia do cuidado.....	35
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>39</b>

### 1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca identificar as contribuições do cinema para a discussão de temas e aspectos relacionados ao trabalho doméstico,

economia do cuidado, maternidade e maternagem a partir de uma abordagem interseccional proporcionada pelas lutas feministas por meio de uma análise fílmica

Para uma compreensão do tema, foi realizada uma revisão de literatura fundamental para o embasamento teórico, com o objetivo de se empreender, por meio do cinema, a aproximação do diálogo entre os campos do trabalho doméstico, o cuidado, maternidade, maternagem e do cinema, permitindo analisar, através de um produto artístico e cultural, fenômenos sociais relacionados, juntamente com a análise fílmica de uma obra brasileira e premiada que se concretizará mediante um processo composto por dois momentos: a decomposição dos elementos constituintes do filme e a reconstrução das conexões entre esses elementos, sob a ótica do analista. Esse método demanda investigações sistemáticas, com idas e vindas à obra, revelando detalhes inicialmente imperceptíveis.

As motivações para a proposição da presente pesquisa estão ancoradas nos debates empreendidos no Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Maternidades, Parentalidade e Sociedade - GMATER, mais especificamente a partir das reflexões realizadas na atividade semestral do Debate CineMATER, cujo objeto de discussão se constitui um filme que aborda a temática sobre maternidade ou temas afins. Sendo assim, para a presente análise, a obra em questão é o filme “Que horas ela volta?”, dado o seu destaque como obra nacional e sua repercussão internacional, tendo conquistado inúmeras premiações e aclamado pela crítica especializada.

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise fílmica como método de pesquisa, que por meio de uma obra cinematográfica, visa analisar as relações sociais presentes na realidade brasileira e o impacto das desigualdades na vida das mulheres.

Dessa forma, pretende-se abordar aspectos históricos do cinema com ênfase no contexto brasileiro, utilizar uma obra cinematográfica a fim de identificar as relações sociais presentes na realidade brasileira e por fim, promover a aproximação do diálogo através do cinema.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que foi realizada pesquisa bibliográfica, inicialmente a partir de um levantamento da produção de conhecimento baseada no estudo de obras feministas. A fonte de acesso aos acervos bibliográficos se deu, principalmente, por meio das bases de dados Scielo, Portal de Periódico da UFPB, UnB/BCE/Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, recorte definido por considerar a relevância dessas bases de dados bem como o seu reconhecimento e legitimidade pela qualidade de suas publicações.

De acordo com Huczynki e Buchanan (2004), os filmes podem ser interpretados como reflexos da realidade ou como artefatos culturais que influenciam e moldam nossa percepção do mundo social e da dinâmica organizacional, apresentam potencial para criar narrativas e outras perspectivas da realidade.

Este trabalho está organizado em três capítulos, que inicialmente desenhará aspectos históricos do cinema e de sua trajetória no Brasil, apresentará a obra “Que horas ela volta?”, considerando a importância do cenário econômico e social do país tanto para o cinema quanto para a película. A partir do segundo capítulo, inicia-se a utilização das falas do filme (como recurso de análise) a fim de relacioná-las com temas relevantes para debates na contemporaneidade, tal como feminismo na contemporaneidade, mulheres e trabalho. Por fim, o terceiro capítulo que abordará o diálogo da película “Que horas ela volta?” com as relações domésticas e a economia do cuidado.

Portanto, ao utilizar uma obra cinematográfica, espera-se, com isso, não apenas entreter, mas também dispor de perspectivas de análise que abordam dimensões da realidade social, campo em está situado o Serviço Social como especialização do trabalho coletivo e profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho.

## **2. DO “TEATRO DAS SOMBRAS” À ABORDAGEM DA OBRA “QUE HORAS ELA VOLTA?”**

### **2.1. Reflexões históricas e contextuais sobre o Cinema**

O cinema é uma forma de arte que cativa os espectadores há décadas, oferecendo uma visão privilegiada de diferentes culturas, histórias e experiências humanas. E tem sua origem segundo o Instituto do Cinema datada por volta de 5.000 a.c na China, a princípio com o “teatro de sombras” que visava entreter e contar histórias por meio de bonecos e sombras que consistia

na projeção de sombras, em paredes ou telas de linho, de figuras humanas, animais ou recortes de objetos e cenários. Sua temática, contada por um narrador, geralmente envolvia guerreiros, princesas e dragões. E ainda hoje é uma forma popular de entretenimento tanto para crianças quanto para adultos em muitos países ao redor do mundo. (Instituto de Cinema, 2015)

Posteriormente, Leonardo Da Vinci e Giambattista Della Porta, com Câmara Escura e no século seguinte, Athanasius Kirchner, Lanterna Mágica. Mas é em 1895 que os irmãos Auguste e Louis Lumière realizam a primeira exibição pública cinematográfica, configurando como o resultado de vários inventores ao longo de séculos e dispositivos (Instituto de Cinema). Estreia-se o cinema narrativo por Georges Méliès (1861-1938) e principalmente Alice Guy-Blaché (1873-1968) que inova

A francesa **Alice Guy** foi a primeira cineasta mulher e a primeira pessoa a explorar a via narrativa do cinema. Autora de quase mil obras. Trabalhava como secretária na fábrica e produtora de cinema Gaumont, quando os irmãos Lumière foram fazer uma demonstração do seu recente invento. Encantada com o aparelho, Alice Guy começou a experimentar o aparelho: filmar com dupla exposição, atrasar ou apressar a velocidade da câmara a fim de conseguir efeitos interessantes para narrar suas histórias. Ela ainda seria a primeira a usar cores e som nos seus filmes. (Instituto de Cinema, 2015)

A seguir, na década de XX a “era do cinema mudo”, em que o formato era essencialmente visual e eram acompanhados por músicos ao vivo ou trilhas sonoras executadas em sincronia. Foi no cinema mudo que surgiram grandes comediantes: Buster Keaton e Charles Chapli, que “dominaram as telas com sua habilidade física e timing cômico” (Academia Internacional de Cinema, 2023). Ainda em constante evolução, o cinema sem som transaciona para o falado (talkies) e revoluciona a forma de se contar histórias. (idem)

No clássico “Cidadão Kane” (1941) marca-se o “potencial narrativo do som, utilizando técnicas inovadoras de narrativa e cinematografia para contar a história de Charles Foster Kane” e solidifica a importância do som no cinema e influencia toda uma geração de cineastas, tal como acontece na obra de Alfred Hitchcock, juntamente a Bernard Herrman em: “Psicose” (1960), criando atmosferas assustadoras com trilhas

sonoras marcantes “demonstrando como o som podia ser uma ferramenta poderosa na construção de suspense e emoção” (Academia Internacional de Cinema, 2023). No entanto, ainda faltava um elemento para compor as características principais de um filme como conhecemos hoje: a cor. Os filmes eram em preto e branco e a:

chegada das cores ao cinema marcou um ponto de inflexão na história da sétima arte. [...] Filmes icônicos como “O Mágico de Oz” (1939) e “...E o Vento Levou” (1939) cativaram o público com seus cenários vibrantes e figurinos deslumbrantes. A introdução das cores não apenas enriqueceu a estética cinematográfica, mas também abriu novas possibilidades criativas para cineastas explorarem a profundidade emocional das histórias contadas na tela. (Academia Internacional de Cinema, 2023)

É no século XXI com avanços tecnológicos que trouxeram inovações para a produção cinematográfica em que “digitalização permitiu uma maior acessibilidade à criação de filmes, democratizando a arte e abrindo portas para uma nova geração de cineastas independentes” (Academia Internacional de Cinema, 2023). Esta categoria artística transformou a uma parte essencial da cultura global com enredos cativantes, efeitos visuais avançados e a capacidade de transmitir emoções cruas, o cinema além de proporcionar divertimento, desafia a imaginação e inspira pensamentos sobre tópicos que variam de assuntos sociais e políticos aos dilemas éticos e filosóficos.

No âmbito brasileiro, a história do cinema “pode ser dividida em épocas muito distintas, que de certa forma moldaram as produções nacionais no decorrer de mais de um século da sétima arte no país” (Academia Internacional de Cinema, 2019). Esses períodos incluem os primeiros filmes e a influência de **Hollywood**, o **Cinema Novo**, a Embrafilme, a crise dos anos 1980, a Retomada e a Pós-Retomada.

No período inicial, em 1896, no Rio de Janeiro eram exibidos filmes curtos sobre o cotidiano nas cidades europeias e pouco tempo depois, mais precisamente em 1898, foram realizadas gravações da Baía de Guanabara pelos irmãos italianos Segreto e Paschoal Affonso, consolidando em 19 de junho o “Dia Internacional do Cinema”. (Academia Internacional de Cinema, 2019)

Grande parte dos filmes exibidos eram importados de outros países, logo as produções gravadas no Brasil eram documentais, principalmente por conta da “estruturação do mercado exibidor (que se deu entre 1907 e 1910). Naquela época, a falta de eletricidade dificultava a implantação de salas de cinema, muitas das quais possuíam suas próprias equipes de filmagem.” (Academia Internacional de Cinema, 2019)

Apesar disso, no período entre 1930 e 1940 as distribuidoras norte-americanas equiparam salas de cinema brasileiras e investiram em sua publicidade consolidando o cinema clássico de Hollywood com: “narrativas lineares, com início, meio e fim bem

definidos, geralmente com finais felizes” (Academia Internacional de Cinema, 2019). Logo em seguida o período nomeado como “Cinema Novo” origina-se de um momento conturbado no Brasil pré ditadura militar, em que jovens lutavam contra o empobrecimento intelectual da população e foi dividido em três fases que consistiam no cinema atrelado a momentos históricos e as “sensações” de cada período:

A **Primeira Fase do Cinema Novo** representa bem as motivações e os objetivos primordiais do movimento, com temáticas sociais que retratavam as dificuldades do povo: a fome, a violência, a alienação religiosa e a exploração econômica. Os filmes queriam se afastar da imagem que o Brasil tinha no exterior: belos atores em paraísos tropicais. Ou seja, mostravam a realidade nua e crua, em especial nas periferias e no sertão. A seu modo, também criticavam a maneira pacífica como os brasileiros lidavam com esses problemas, mas ainda apresentavam algum otimismo de que as coisas poderiam mudar. [...] Quando o presidente João Goulart foi deposto pelos militares, iniciou-se a **Segunda Fase do Cinema Novo (1964–1968)**. Foi nesse momento que os brasileiros perderam a fé nos ideais do movimento, já que a promessa de proteção dos direitos civis e de luta contra a opressão não se concretizou. Ou seja, os jovens e idealistas cineastas haviam falhado em sua empreitada de manter a democracia, usando a arte como instrumento político. Muitos acreditam que essa desconexão com o povo brasileiro se deva ao fato de que os diretores do movimento passaram a tentar agradar mais aos críticos do que ao público. A temática dos filmes passou a focar na angústia e na perplexidade de um país sob um regime autoritário, como que aceitando o fracasso do Cinema Novo e da esquerda intelectual. [...] A **Terceira Fase do Cinema Novo (1968–1972)** buscou sua inspiração no Tropicalismo, um movimento que fazia sucesso no país. Sua estética remetia às cores da flora brasileira, com influências da cultura pop e do concretismo, abusando do exagero. A ideia era chocar e romper com a arte “bem-comportada”. (Academia Internacional de Cinema, 2018)

Esta etapa da história do cinema no Brasil (1969) demonstra com clareza que é impraticável entender objetos de análise sem seus respectivos contextos históricos, tal qual como a instituição criada na época: a Embrafilme. Suas produções de longas-metragens em larga escala, estavam alinhadas ao regime militar e preocupados com censura, findaram a estética, ideologia e filosofia ao cinema novo dando lugar em 1970 à produções nacionalistas e comerciais. (Academia Internacional de Cinema, 2018) Na sequência, inicia-se o declínio do cinema a partir da popularização do videocassete somada a:

[...] a situação econômica no país que piorava a cada dia e a dívida externa atingia números alarmantes. Não havia recursos nem para que os cineastas produzissem filmes, nem para que os espectadores pudessem pagar os ingressos. (Academia Internacional de Cinema, 2019)

Esta situação se mantém em 1980, em que o país passava por dificuldades e conseqüentemente das produções, e se agrava em 1990, com a extinção das leis de incentivo à produção. Apesar da dificuldade sofrida, o cinema brasileiro marca seu

período de retoma em 1992 e vai até 2003 com o governo Itamar Franco investiu criando a “a Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual, responsável pela regulamentação daquela que viria a se tornar a Lei do Audiovisual, possibilitando a produção de centenas de filmes nacionais ao longo das últimas décadas.” (Academia Internacional de Cinema, 2019).

Cidade Deus (2002), de Fernando Meirelles, indicado a quatro Oscars, marca o final da retomada e devolve ao cinema contemporâneo brasileiro folego para novas produções que por sua vez, ganham força por meio dos DVDs (Academia Internacional de Cinema, 2019) e após 11 anos ao se consolidarem como opções “vendáveis” no mercado.

[...] Em 2013, que mais de 120 longas chegaram às telas, muitos deles com públicos acima de um milhão de espectadores. Comédias populares, como *De Pernas pro Ar* (2010) e *Minha Mãe é uma Peça* (2013), passaram a utilizar uma estética que transitava entre os programas da Globo e os *blockbusters* hollywoodianos, para atrair as grandes massas. Ao mesmo tempo em que as comédias têm conquistado sucesso comercial, produções independentes brasileiras cada vez mais ganham espaço nos festivais de cinema internacionais, com destaque para cineastas como Kleber Mendonça Filho (*Aquarius*, *O Som Ao Redor*), Gabriel Mascaro (*Ventos de Agosto*, *Boi Neon*), Marco Dutra (*Trabalhar Cansa As Boas Maneiras*), Anna Muylaert (*Que Horas Ela Volta?*), Tata Amaral (*Hoje*), Karim Ainouz (*O Céu de Suely*, *Praia do Futuro*), Petra Costa (*Elena*, *O Olmo e a Gaivota*), Adirley Queirós (*Branco Sai*, *Preto Fica*) e Daniel Ribeiro (*Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*). (Academia Internacional de Cinema, 2019)

Para além do entretenimento, tanto o cinema, como os filmes e documentários podem desempenhar papéis significantes na reflexão da sociedade acerca de determinados assuntos e temas abordados nas obras, seria uma construção de seus recursos sonoros, visuais e interpretativos abordando temas sociais, políticos e éticos importantes resultando em

[...] alguns filmes que tratam de questões complexas, retratam a realidade de maneira crítica e nos fazem refletir sobre um determinado assunto, geralmente de cunho social, como a realidade da mulher periférica em “**Baronesa**” (2017), de Juliana Antunes. Muitas pessoas que têm contato com o filme podem refletir a respeito das diferenças que assolam nosso país. Alguns podem ver como a realidade em uma comunidade é diferente da sua, outros podem se identificar e possivelmente encarar a realização do filme positivamente, por possibilitar um alcance maior do que precisa ser visto e pensado. Essa reflexão e criticidade tem muito poder sobre as pessoas, é onde mora a capacidade que o cinema tem de ser uma ferramenta social, impactando o que está ao seu redor e realidades distantes. (Instituto de Cinema, 2015)

Reconstruir o movimento societário permite conhecer os avanços e retrocessos do objeto de análise, como é o caso do cinema. Entender seus processos históricos e da indústria que o permeia torna-se importante para analisar sua concepção e características,

dessa forma: “Pensar a historiografia do cinema brasileiro é, portanto, repensar a história política, econômica, cultural e intelectual do país. Trata-se de refletir sobre a constituição de discursos, hegemonias e recortes que definem autoridade” (Schwarzman, 2017, p. 139). Abordar a história do cinema, principalmente no contexto brasileiro, na contemporaneidade envolve explorar a dinâmica entre os estudos históricos e cinematográficos, capturando não apenas a evolução temporal da indústria nacional, mas também as mudanças culturais, sociais e tecnológicas que influenciam sua produção e recepção.

## **2.2. Luzes, câmera e ação: ambientando a obra “Que horas ela volta?”**

É através da cinematografia, direção de arte, roteiro e atuação, os filmes podem transmitir emoções, educar, fazer refletir e conhecer. Vão desde marcos cronologicamente importantes à períodos históricos específicos para “além do entretenimento, trazer em sua narrativa questões complexas. É uma outra vertente dentro do cinema, que busca levar ao público um olhar diferente acerca do que vivemos” (Instituto de Cinema). Dessa forma, Ana Muylaert, ao lado dos produtores Caio e Fabiano Gullane, escreveram “Que horas ela volta?” uma obra que considera a visão pessoal de Muylaert e aborda dimensões sociais do período em que está inserida.

A conjuntura econômica e política brasileira é marcada por iniciativas de crescimento econômico, como o fortalecimento do mercado interno, elevação da renda familiar como consequência de melhores condições de emprego, papel ativo das políticas públicas que objetivavam a redução das desigualdades, tal como a ampliação do acesso à educação, criação de programas sociais promovidos pelo governo Lula que visavam o aumento da qualidade de vida da população, marcando o terceiro padrão de mudança social do Brasil (Pochmann, 2010)

Além de um novo padrão de mudança social<sup>1</sup> que consistia na: “combinação da expansão da renda nacional per capita com a queda na desigualdade pessoal da renda” (Pochmann, 2010, p. 641/642) ligado também a fatores importantes como a: “A recuperação da dinâmica de expansão da economia e, por consequência, do emprego,

---

<sup>1</sup> Partindo do pressuposto básico de que o grau de mudança social tende a refletir, em geral, transformações mais amplas na economia (renda, ocupação etc.) e nas políticas públicas (educação, garantia de renda etc.), tomou-se com referência síntese disso os indicadores de variação da renda nacional per capita e do índice de desigualdade pessoal da renda (Gini). (Pochmann, 2010, p. 640)



combinada com a reorientação das políticas públicas aos segmentos de menor rendimento” (Pochmann, 2010, p. 638).

Essa dinâmica se estendeu até 2014, quando uma nova crise econômica no país se iniciou desenhando um novo período de dificuldades (segundo especialistas a crise estendeu-se até 2020) como alto desemprego, aumento das desigualdades e vulnerabilidades (Fundação Getúlio Vargas, 2020). Mesmo com os entraves ocorridos em 2015 como as ameaças de extinção do Ministério da Cultura, esse ano apresenta o lançamento do filme “Que horas ela volta?”.

A obra em questão retrata o microcosmo de uma família da classe alta paulistana composta por Bárbara, José Carlos, o filho Fábio, a empregada Val. Posteriormente, Jéssica, a filha da empregada. O enredo se constrói antes da chegada de Jéssica expondo como este núcleo age e desvendando aos poucos as disparidades que a personagem, interpretada por Regina Casé, vive de forma imperceptível aos seus olhos, mas não do público e nem da filha.

Ana Bortolini (2018) aborda como a película explora de forma profunda o cenário brasileiro (anteriormente citado) socioeconômico em expansão, em que as classes menos privilegiadas estão ganhando maior acesso a produtos e serviços antes reservados às camadas mais abastadas da sociedade. Além de abordar questões relacionadas ao trabalho doméstico e à vivência feminina, o filme mergulha nas diferentes camadas sociais do país. Ele expõe a persistência de disparidades entre diferentes grupos do corpo social mesmo com a possibilidade de ascensão social, seja por meio de políticas públicas de redistribuição de renda, acesso à educação e trabalho ou por um quadro econômico favorável.

A história contada representa muito mais que a família em questão, ela explora os desdobramentos de processos históricos no mundo do trabalho e do trabalho doméstico. Expõe as condições precárias, a herança da escravidão e a falta de reconhecimento social de trabalhos executados por uma classe frequentemente menosprezada, a trabalhadora.

Esta classe representada pela Val (empregada) faz parte do contingente de pessoas que são responsáveis pelos afazeres domésticos: “preparam refeições, prestam assistência às pessoas, cuidam de peças do vestuário e colaboram na administração da casa, conforme orientações recebidas. Fazem arrumação ou faxina e podem cuidar de plantas e de animais domésticos” (Bortolini, Oltmari, Scherdien, 2018, p. 139) quanto pelos cuidados com a família, principalmente com o filho do casal. Apesar de suas atribuições está alocada em uma situação ocupacional precária, na base da pirâmide social.

A construção da personagem simboliza uma grande parcela da população que motivadas por melhores condições de vida saiu de seu estado e/ou cidade de origem para trabalhar; além de, expor as desigualdades presentes nas relações domésticas e entre as mulheres presentes na obra: Val, Bárbara e Jéssica. Apesar de compartilharem desafios relacionados à uma sociedade machista, se diferenciam pelas suas classes sociais e diferentes concepções do “lugar que ocupam”.

### **3. “QUE HORAS ELA VOLTA?” À LUZ DO DEBATE SOBRE FEMINISMO, MULHERES E TRABALHO**

#### **3.1. “Ela é segura demais de si”: Feminismo e classe social na contemporaneidade**

A partir da criação do cinema e das suas transformações é possível por meio da tela conhecer, emocionar e entreter. E foi também por meio desta ferramenta que foi viável conhecer e analisar a obra “Que horas ela volta?” e seus recortes da sociedade, seu potencial crítico e de reflexão de categorias como classe e os papéis das mulheres.

O enredo do filme trata de família uma família paulistana que irá sentir os efeitos da filha da empregada que chegou: Jéssica. Sua chegada é inicialmente tranquila e sutilmente pontua algumas particularidades da família que a hospeda, como o olhar

enviesado de Fábio, a curiosidade e atenção de Carlos e o olhar curioso de Barbara. No momento que estão mostrando a casa Jéssica indaga se não pode ficar no quarto de hóspedes, Carlos permite, Bárbara demonstra não gostar, iniciando uma atmosfera, principalmente para quem assiste, incômoda.

Esta situação demarca o início de seus conflitos que está ligado ao fato de que ela demonstra não se reconhecer da mesma forma que a família e mãe a reconhecem: a filha da empregada. Seu comportamento dentro dessa dinâmica familiar demonstra aos poucos o abismo existente entre as classes sociais presentes na obra, que se consolidam como

um fundamento da opressão econômica e da exploração (Wright, 2004) as relações de classe envolvem a distribuição desigual de direitos e poderes sobre os recursos produtivos básicos da sociedade e os resultados de seu uso. Em decorrência da natureza dos poderes e direitos exercidos sobre os recursos produtivos, a pessoa enfrenta uma estrutura de oportunidades, dilemas e opções nas esferas do trabalho e do consumo. Em um sistema de produção pensado em termos sociais relacionais, o que a pessoa tem condiciona o que ela deve fazer para manter o que têm. (Santos, 2008, p. 354/355)

Desde a chegada da filha, Val está constantemente mediando conflitos e evitando desconfortos diante dos padrões, resultando em uma relação difícil com a filha por conta das discordâncias existentes entre ambos os comportamentos visto que Jéssica enfrenta e questiona a mãe e toda a submissão e proteção à família que por diversas vezes questionou a mãe os motivos para aquilo.

O primeiro quadro de desentendimento entre mãe e filha é por Val estar morando na casa dos padrões principalmente pelo desconforto de precisar dividir o espaço comum com eles e ficar restrita ao “quartinho de empregada”. Este espaço vai muito além de um cômodo, ele é a representação física da marginalização das trabalhadoras domésticas, a segregação espacial que reforça a ideia de distância

Ainda conforme afirmam Bruschini e Ridenti (1994), a problemática que representa de uma parcela da população que estava residindo no local de trabalho, ocasionando na maioria dos casos: trabalhadores ocupados por mais tempo que o necessário, disponíveis além da carga horária. Esta conjuntura que articula a moradia e o espaço de trabalho resulta

principalmente para as mulheres de qualquer camada social, que se ocupam tanto na atividade doméstica quanto do trabalho informal remunerado, oferecendo inúmeros exemplos da riqueza de possibilidades que as famílias paulistanas encontram para enfrentar um cotidiano que tem como pano de fundo e recessão e o desemprego. (Bruschini, Ridenti, 1994, p. 34)

Jéssica, assim que apresentada à família, cita que sua vontade de prestar vestibular está ancorada na possibilidade de transformação de sua realidade quando comenta: “a arquitetura é instrumento de mudança social” visando através da educação prover condições de vida melhores para a mãe posteriormente, para o filho.

A recém-chegada assume uma postura de luta por liberdade, não aceitação da opressão por parte da família rica, o enfrentamento ao estereotipo de submissão são alguns dos exemplos de sua postura sutilmente feminista. O feminismo por sua vez é popularmente conhecido como “um movimento social em prol da equiparação dos sexos quanto ao exercício de direitos civis e políticos” (Nogueira, 2001 *apud* Coelho, 2016, p. 217).

Historicamente as lutas das mulheres se iniciaram na insatisfação com a ausência de direitos políticos, principalmente no que diz respeito ao direito ao voto. A esta época, estavam influenciadas pelo pensamento liberal e igualitário (Costa; Sardenberg, 2008) presente na Europa, em especial na Inglaterra e na França, possuindo também raízes capitalistas. Este cenário implica em mudanças significativas para a sociedade regida por uma “força imperativa da acumulação e pela busca constante e crescente de lucro, em que todas as relações sociais, inclusive da família, assumem características específicas, definidas e demarcadas pelas relações sociais de produção necessárias ao desenvolvimento do sistema.” (Costa; Sardenberg, 2008, p. 25). A Revolução Industrial incorporou homens e mulheres nos processos de produção fabril de modo indiscriminado. No entanto a condição das mulheres era inferior porque:

a mulher já vinha sendo submetida. E esta condição será importante objeto de interesse da burguesia, ávida em acumular riqueza. Sua passividade e submissão dentro do mundo doméstico, desenvolvida durante uma longa história de subordinação, serão utilizadas para impor-lhe o pagamento de salários inferiores aos do homem e jornadas do trabalho excessivas e insalubres, favorecendo assim a extração de uma mais-valia absoluta ainda maior. (Costa; Sardenberg, 2008, p. 25)

As condições de trabalho durante a Revolução Industrial foram extremamente desafiadoras para as mulheres seja por necessidade ou uma atividade “extrafamiliar”. Contudo, devido as diferentes condições de vida de cada mulher é possível entender na prática os impactos das divergências visto que, o trabalho poderia representar uma conquista do feminismo que lutou pelo fim da exclusividade masculina no mundo do trabalho e por atribuições para além da maternidade. Entretanto, ele não se desenvolveu de maneira uniforme entre as diferentes camadas sociais. A forma como o trabalho se estruturou e evoluiu para as camadas populares é distinta daquela observada nas camadas médias

as camadas populares, [...] no início do século XX, 42% das mulheres pobres do Rio Grande do Sul já trabalhavam, e seus filhos cuidados por avós ou outras pessoas (FONSECA, C., 1989). Atualmente, nas famílias pobres, a tarefa materna de cuidadora ainda é dividida com membros da rede familiar mais ampla ou com vizinhos da comunidade (SARTI, 1995). Porém, muitas vezes, é o filho mais velho quem toma conta dos irmãos menores (AMAZONAS et al., 2003) Nas camadas médias, o trabalho feminino é um projeto individual, elaborado no interior de uma história familiar (VELHO, 1987), apesar de circunscrito pela cultura. É uma atividade voltada para a satisfação pessoal que, além de proporcionar status, leva ao crescimento individual, faz parte do processo de constituição da identidade. (Almeida, 2007, p. 413)

Esta afirmação é possível ser representada pela comparação entre: Val que é empregada doméstica e Jéssica almeja uma carreira através do curso de Arquitetura já Bárbara é uma socialite casada com um herdeiro. A obra em questão além de representar as formas de trabalho e desigualdades presentes na sociedade, possui a mestria de abordar complexos temas relacionados ao feminismo, classe social, espaço doméstico e trabalho. O filme desafia as normas sociais e propõe uma reflexão crítica de aspectos invisibilizados através de suas personagens e narrativa Val personifica continuidades e Jéssica, mudanças atreladas ao mundo do trabalho.

De um lado, as continuidades dizem respeito ao ainda grande contingente de mulheres (cerca de 40% da força de trabalho feminina) que se insere no mercado de trabalho em um polo no qual se incluem as posições menos favoráveis e precárias, quanto ao vínculo de trabalho, à remuneração, à proteção social ou às condições de trabalho propriamente ditas. São ocupações nas quais a presença das mulheres tem se dado tradicionalmente, como o trabalho doméstico, as atividades sem remuneração e as atividades de produção para consumo próprio e do grupo familiar. Inclui-se também, entre as continuidades, o elevado contingente de mulheres em alguns tradicionais nichos femininos. De outro lado, as mudanças apontam na direção de um polo oposto, no qual ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio. (Bruschini, Lombardi, 2000, p.68/69)

Além disso, as divisões de classe e a segregação no local de trabalho também desempenharam um papel importante: as mulheres da classe trabalhadora, muitas vezes, tinham menos acesso à educação e recursos para se envolver em atividades políticas, o que as deixava à margem do movimento feminista dominante. Embora existam três mulheres centrais representadas na obra, fica evidente suas diferenças: vivências, idades, classes sociais, trabalho e nível de conhecimento, por exemplo. Estes aspectos se consolidam como parte de sistemas de opressão vivenciados por diferentes tipos de mulheres, conforme afirma Koa Beck (2021):

As mulheres negras não faziam parte dessa visão de feminilidade abundante, porque essa aspiração foi pensada tendo em mente o conforto da classe média,

a branquitude e a disponibilidade de renda. As mulheres Negras trabalhavam fora de casa além de executar todo o trabalho doméstico, então não se encaixavam na visão da dona de casa endinheirada contemplando sua rotina de cuidados com a pele enquanto alguém cuidava das crianças no quarto ao lado. [...] (Beck, 2021, p.115)

Apesar de ser possível identificar as semelhanças que a opressão de gênero, equidade possibilita não é o suficiente para uma parcela de mulheres tal como pode ser representado no Dossiê “Mulheres Negras e Justiça Reprodutiva” (2020 – 2021) que retrata como nuances de raça, classe, gênero e direitos sexuais e reprodutivos modificam a realidade feminina. A mortalidade de mulheres (materna e em idade fértil), violências e agravos em saúde como estupro, violência repetição, violência física, violência psicológica, moral e sexual, dentre outros, fazem parte do eixo principal da pesquisa, que segundo gráficos fornecidos pelo documento (Criola 2020/2021), a qual demonstram como a população feminina negra é a mais afetada nas categorias citadas, e afirma:

A vida reprodutiva das mulheres negras é marcada por interdições que ceifam o direito de escolha e de uma vivência digna dos direitos reprodutivos. O pano de fundo no qual as mulheres realizam suas escolhas reprodutivas é marcado por violências, precariedades e interdições de direitos básicos como segurança alimentar, trabalho e moradia, revelando a complexidade das injustiças reprodutivas às quais estão submetidas. (Criola, 2020/2021, p. 47)

O Dossiê não se limita aos direitos sexuais e reprodutivos, ele revela o contexto que as mulheres estão alocadas e a exposição às fragilidades, falta de proteção e acesso precário ao básico com uma comparação dos aspectos que atravessam a vida da população branca e da população negra no Brasil. Os dados revelaram, dentre outros, que a população negra é a mais atingida pela vulnerabilidade social (pobreza e extrema pobreza), bem como são a maioria dentre as pessoas beneficiárias do Programa Bolsa Família. Além disso, integram os 10% com menores rendimentos e pessoas residindo sem acesso a serviços de saneamento básico. Pessoas negras também apresentam maior porcentagem em indicadores como taxa de desemprego e subutilização, 32,2% e 69,9%, respectivamente.

Esta realidade é campo em que estão alocados os dados sobre “Situação de saúde e direitos humanos sexuais e reprodutivos – Brasil”, em que as mulheres enfrentam sérias limitações no acesso aos serviços de saúde e educação, encontrando-se expostas de maneira desproporcional aos mais diversos tipos de violência e violações de direitos. Cabe ressaltar, ainda, que essas mulheres são as mesmas que enfrentam dificuldades no mundo do trabalho e acabam vinculadas apenas à esfera doméstica.

### 3.2. Mulher x trabalho: importância, ocupação e permanências

A esfera do trabalho possui uma importância fundamental para as mulheres contemporâneas, tanto seu o aspecto econômico quanto o impacto profundo em sua autonomia, identidade e papel na sociedade. Com as mulheres assumindo um papel cada vez mais proeminente em diversas áreas profissionais, a entrada e a permanência das mulheres no mercado de trabalho não apenas contribuem para o desenvolvimento econômico, mas também para a promoção da igualdade de gênero. O trabalho proporciona às mulheres a capacidade de gerar renda própria, fortalecendo sua independência financeira e reduzindo a vulnerabilidade a situações de dependência e abuso. Porém tal como ocorreu nas reivindicações feministas, a categoria do trabalho não se consolidou de forma homogênea.

Enquanto mulheres brancas estavam posicionadas a favor de uma realidade singular, as reivindicações das mulheres negras não se iniciam pelo direito ao voto, ou trabalho fora do lar, seus problemas estavam marcados pela violência fruto da escravidão, que se revela como elemento importante da “[...] subordinação da mulher, além de ser um fenômeno milenar e universal, constitui-se, também, na primeira forma de opressão na história da humanidade.” (Costa; Sardenberg, 2088, p. 23). O debate sobre raça suscitou indignação frente ao silêncio de mulheres brancas diante da violência de mulheres negras, afinal seu discurso era sobre libertação de todas as mulheres, no entanto não foi isso que aconteceu na prática isso porque

Enquanto mulheres, principalmente as brancas privilegiadas previamente desprovidas de direito, começaram a adquirir poder social sem abrir mão do sexismo internalizado, as divisões entre mulheres se intensificaram. Quando mulheres não brancas criticaram o racismo dentro da sociedade como um todo e chamaram atenção para as formas com que racismo moldou e influenciou prática e a teoria feministas, várias mulheres brancas simplesmente deram as costas para a sororidade e fecharam a mente e o coração. (hooks, 2021, p. 37)

Este comportamento estava presente em todas as esferas do movimento, na saúde da mulher, educação e no mundo do trabalho. Este último se apresentou como uma chave conceitual fundamental para entender como pautas vistas como “comuns” a todas as mulheres, particularizavam-se ao se imprimir uma leitura capaz de apreender as dimensões de classe e raça a ela inerentes. Por exemplo, para mulheres brancas, o trabalho parecia algo libertador, mas “muitas trabalhadoras, que se dedicavam a longas horas de trabalho, com baixos salários, e ainda faziam todo trabalho doméstico, teriam enxergado o direito de ficar em casa como “liberdade” (hooks, 2021, p. 66).

Mulheres privilegiadas não queriam igualdade para um coletivo, queriam estar no mesmo patamar que homens de sua classe. O principal motivo desse “conflito de interesses” estava ancorado na falta de identificação de mulheres negras com mulheres brancas, cuja abordagem era branca, eurocêntrica e colonial, visto que

As mulheres já estão no mercado de trabalho há muito tempo. Se somos bem pagas ou se recebemos baixos salários, várias mulheres não pensaram que trabalho fosse tão significativo quanto a utopia feminista sugeria. [...] Mais dinheiro não significa mais liberdade, se as finanças não estiverem voltadas ao bem-estar. (hooks, 2021, p. 88).

A inserção da mulher no mercado de trabalho tem sofrido significativas transformações ao longo dos anos, combinando paradoxalmente avanços e retrocessos. A mulher passou a se inserir de forma mais significativa no mercado de trabalho a partir da década de 70, naquela época, as mulheres trabalhadoras eram, quase exclusivamente, jovens, solteiras e sem filhos.

Diferentes fatores como aumento do custo de vida, busca por estabilidade financeira, mudanças sociais e culturais, realização pessoal e mudanças na estrutura familiar se constituem como principais motivadores para o trabalho remunerado. Contudo a inserção da mulher casada e com filhos, no mundo do trabalho, fora do lar ocorreu de forma mais tímida do que para as mulheres sem filhos. As mulheres mães deixaram o ambiente doméstico para buscar trabalho fora de casa, gradualmente. Atualmente, essa situação se modificou, sendo possível observar um número de mulheres mais velhas, casadas e mães realizando atividades remuneradas fora do lar (Bruschini, 2007).

Contudo, ele abre à essas mulheres novas possibilidades de viver suas vidas, com independência e autonomia como afirmam as autoras Ana Cristina, Chechi Pascale, Clarissa Toschetto, em sua pesquisa: “Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade” (2014), que “investiga o significado do trabalho remunerado e a relação do mesmo com a maternidade para mulheres (p. 1)”. Seus resultados apontaram para o fato de que o trabalho remunerado se apresenta como uma das peças centrais na vida das mulheres entrevistadas, principalmente com relação:

[...] a aspectos concretos, como a dificuldade financeira e a necessidade de dividir as contas do lar, e a aspectos emocionais, como independência, autonomia, satisfação pessoal e incremento de relacionamentos sociais. O conhecimento dos aspectos associados ao trabalho é importante para que se consiga compreender como as mulheres representam sua carreira profissional atualmente e que lugar o trabalho tem ocupado na vida das mesmas. (Dias, Fiorin, Oliveira, 2014, p.27/28)

No entanto, ao passo que o trabalho ocupa importância e centralidade, também se torna um campo de desafios para permanência dessas mulheres uma vez que a realidade



ainda é de predominância dos homens com índice de participação no mercado de trabalho de 71,64% a 51,56% para as mulheres (CNN BRASIL, 2022). Outra situação que aviva este conflito entre trabalho e mulheres, é peso do papel histórico das funções de gênero, que por longos períodos impuseram e naturalizaram a maternidade se traduzem na desistência e dificuldade de recolocação no mercado profissional conforme afirma o portal Melhor RH.

A relação entre ser mulher e o mercado profissional é cercada por obstáculos ainda maiores após a maternidade. Se ter que escolher sair do trabalho para cuidar dos filhos é difícil, retornar ao trabalho após a licença é igualmente complicado. O status 'mãe' além de, às vezes, gerar barreiras durante o processo de entrevista, também impacta na recolocação profissional. Há ainda três pontos que são enfrentados pelas mães profissionais após o período de licença-maternidade: 1) **Tempo de retorno:** segundo a pesquisa 45% demoram 3 meses para retornar as atividades profissionais. O tempo curto é reflexo de alguns fatores tais como a preocupação de perder a posição profissional, no caso de cargos de gerência, ou até mesmo, perder o emprego. 2) **Perdas de oportunidades:** Mudar de emprego, aceitar uma promoção, buscar um trabalho melhor? Segundo a pesquisa, 47% das mães já renunciaram a algumas dessas oportunidades porque sabiam que teriam dificuldade em conciliar filhos e vida profissional. 3) **Preocupação e angústia:** O sentimento de angústia é constante. Dentre os pontos mais preocupantes estão: “onde meu filho irá ficar onde eu trabalho?”, “vou perder o vínculo com meu bebê depois que retornar ao trabalho?”, “vou ter tempo para mim?”, “meu chefe vai achar ruim se eu precisar me ausentar por causa do meu filho?”. (Melhor RH, 2019)

Existem inúmeros obstáculos como falta de rede de apoio, sobrecarga e da parte das empresas dificuldade com a possibilidade do home office e horários flexíveis. A falta de espaço e oportunidades para as mulheres na sociedade se manifesta de diversas maneiras, sendo uma das mais evidentes a migração forçada para o espaço doméstico. Quando lhes é negada o acesso a esfera pública e migram para o espaço doméstico, enfrentam barreiras significativas ao acesso à educação, ao mercado de trabalho e à participação política. Isso não apenas limita suas possibilidades de desenvolvimento pessoal, mas também perpetua um ciclo de desigualdade que afeta gerações futuras.

### 3.3. “Você me respeita que eu sou sua mãe”: Maternidade e maternagem - uma construção do afeto

Outro espaço de complexas relações é o campo materno, que desafia muitas mulheres a permanecer em seus trabalhos e contribui para uma rotina carregada de duplas e triplas jornadas. Sua importância além de estar presente como pauta importante para as mulheres, principalmente pelo seu impacto como parte dos direitos sexuais e reprodutivos, bem como: a decisão sobre sua saúde sexual e reprodutiva, que inclui o direito à contracepção, ao aborto seguro e legal, ao acesso a serviços de saúde materna de qualidade e à assistência na concepção e fertilidade. Significa também que, caso as mulheres escolham engravidar, elas têm direito a uma gestação segura e saudável, com acesso a cuidados de saúde adequados, incluindo exames pré-natais, assistência ao parto seguro e apoio pós-parto.

Entender a dinâmica da formação social da maternidade torna-se fundamental para analisar o efeito dessa categoria nas diversas relações presentes na vida das mulheres que conforme afirma Leal (2013) é capaz de resultar em implicações na vida pessoal, vida profissional e na reflexão do próprio processo. Tendo em vista que a maternidade é resultado de um processo histórico e social, de acordo com Elisabeth Badinter (1985), que elucida em sua clássica obra “O mito do amor materno”, revelando aspectos que vão muito além da maternidade.

Para compreender estes aspectos, a autora remonta-se o funcionamento inicial das relações e explica que: “ao buscar nos documentos históricos e literários a substância e a qualidade das relações entre a mãe e o filho, constatamos seja indiferença sejam recomendações de frieza, e um aparente desinteresse pelo bebê que acaba de nascer” (Badinter, 1985, p. 57-58). Esses sentimentos, ou a falta deles, se dá pela grande possibilidade de morte sem qualquer desenvolvimento (condições da época) e que tanto a mãe quanto o pai evitavam sentir algo relacionado àquele luto, para não sofrer tanto. E isto apenas era reflexo de convenções da sociedade daquele período, em que por exemplo: “amor não tinha um valor social e moral” (Badinter, 1985, p. 58) e assim permaneceu por um longo período.

No entanto, no século XVIII (Badinter, 1985) começam a surgir uma preocupação por parte das autoridades com a sobrevivência e o desenvolvimento das crianças que se inicia com a atenção voltada para amamentação, atividade que mulheres exerciam exclusivamente, recaindo sobre a mãe esta responsabilidade, de modo que “Moralistas, administradores, médicos puseram-se em campo e expuseram seus argumentos mais sutis para persuadi-las a retornar a melhores sentimentos e a “dar novamente o seio” (Badinter, 1985, p. 104). Influenciada fortemente pela igreja, cria-se mais uma versão do que seria a mulher: “Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa

metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar” (Badinter, 1985, p. 125).

O processo para mulheres assumirem suas tarefas maternas levou quase dois séculos por meio da imposição e da obrigação (Badinter, 1985) que estavam tentando construir o amor espontâneo e o instinto materno por meio dos argumentos ligados tanto à economia, beleza, saúde, felicidade, quanto à glória e punição. Contudo, a construção da maternidade não atingiu as mulheres de forma homogênea: foram as mulheres mais desfavorecidas as últimas atingidas pela nova moda, visto que no final do século XVIII, quando a mulher abastada começa a manter os filhos junto de si, a operária ou a esposa do pequeno artesão têm, mais do que nunca, necessidade de mandar os filhos para o campo, para poder trazer mais algum dinheiro para casa. (Badinter, 1985, p. 160).

Estas desigualdades das relações à atenção materna, consideravam um “luxo” que muitas mulheres pobres não podiam usufruir visto que, enquanto algumas mães assumiram as novas responsabilidades de assegurar a educação e segurança dos filhos, outras queriam se livrar daquilo que consideravam um fardo, podendo perceber que: “Pertencer a uma classe molda toda a percepção, vivência e oportunidades de um indivíduo, não dizendo respeito apenas a posses, mas à visão de mundo e como esse “mundo” olha de volta” (Quelotti, 2022, p. 6). Inicia-se aqui a construção do ideal materno elitista europeu.

Na obra “Que horas ela volta?” existem diversas camadas da maternidade que podem ser representadas por Val, Bárbara e Jéssica. A começar pelas diferenças: condições econômicas, em que Bárbara aparenta ter uma vida financeiramente confortável, Val vem de uma jornada intensa de trabalho (tal como é possível perceber a passagem temporal diante dos cuidados com Fabinho: de criança para o momento atual, com 18 anos) e por fim, Jéssica que apesar de semelhanças com a origem de sua mãe, almejava transformar sua vida através do curso de arquitetura. Outra divergência são suas posições sociais: Bárbara, é a patroa, branca e vive a elite de São Paulo, por outro lado, Val é a empregada, nordestina, preta e seu meio social são pessoas e lugares próximos daquilo que vivia na cidade natal e Jéssica, a “filha da empregada”.

É então devido a sua relevância, que a maternidade se torna uma categoria de reflexão e análise para o movimento feminista tanto como objeto de pesquisa, descobertas bem como campo de notórias ações por parte dos governos e do Estado. No entanto, o cuidado não é exclusivo das mães e considerando esta realidade, daqui em diante, ao abordar a categorias “mães” utilizaremos este termo considerando o significado conforme conceitua O’Reilly (2016).

qualquer pessoa engajada no trabalho materno, independentemente do gênero, sexo ou vínculo biológico com a criança ou filho(a) adulto(a) que necessite de cuidados maternos: “...como Sara Ruddick teorizou sobre as práticas maternas; este conceito não se restringe às mães biológicas, porque diz respeito a todas as pessoas que tornam o trabalho da maternagem uma parte central de suas vidas” (O’REILLY, 2016, p. 1, *apud* Mendonça, 2021, p. 60).

Pensar dessa forma implica reconsiderar a trajetória da maternidade e construir caminhos diferentes na contemporaneidade, na tentativa de desvincular a figura feminina como única responsável pelo cuidado e inserir outras figuras nessa abordagem. Na esteira desse debate, emerge o conceito de maternagem e suas implicações. que dizem respeito não só as mães que desempenham papéis importantes na criação, educação e formação de crianças e adolescentes, mas:

Também é preciso considerar que, atualmente, nas camadas mais pobres a maternagem é dividida com os vizinhos da comunidade, avós, tios e filhos mais velhos (Almeida, 2007). Por outro lado, nota-se que em famílias com maior poder aquisitivo, a maternagem é dividida com creches, escolas de artes, música, idiomas, esporte e outras atividades que mantenham a criança ocupada. Esse tipo de maternagem é denominado de terceirização do cuidado e traz como pano de fundo a preocupação dos pais com o futuro profissional dos filhos. (GRADVOHL, 2014, p. 60)

Este conceito permeia o enredo das relações do filme de forma que Val confiou os cuidados da filha à um familiar e, no entanto, foi a responsável principal pela criação de Fábio (juntamente com a terceirização do cuidado em escolas de idiomas, esportes e outras atividades) e é sua referência de afeto, confiança e cumplicidade como é possível perceber em momentos que escolhe o quarto da empregada quando não consegue dormir, ou quando guarda de todos, o melhor sorvete para o garoto. Jéssica por sua vez, ainda que indisposta a seguir regras de convívio ditadas pelos padrões da mãe, acaba reproduzindo sua realidade: tinha um filho em sua cidade de origem e estava ali para tentar uma vida melhor, sendo somente no final que Val pede demissão e diz para a filha trazer o neto, subtendendo que a partir daquele momento as coisas seriam diferentes.

Cabe ressaltar que tanto a maternidade quanto a maternagem presentes na obra possuem suas características específicas e de grande importância para as mulheres e para a sociedade em que estão inseridas, isto porque há implicações tanto privadas quanto públicas no ato de gerir e cuidar. Na película fica evidente como estes elementos possuem significado para as mulheres centrais ali retratadas e como possuem visões e necessidades diferentes entre si; isto se dá pelo fato de possuírem divergências entre si quanto às

questões voltadas para aspectos sociais e, ainda que pouco explorada as diferenças raciais entre as personagens: Val, Jéssica e Bárbara.

Estas categorias tornam-se fundamentais visto que, seus impactos são responsáveis por moldar suas as realidades e percepções, como afirma NOME-Muniz (2021) ao sistematizar relatos de mães negras que comentam o impacto da raça na experiência da maternidade e como é necessário pensar nestes aspectos, principalmente com relação à autorreflexão e a autoestima de crianças negras e seus cuidados. As autoras Marques e Wortmann *in* Revista *Ártemis*, (2021) afirmam: “As necessidades de uma mulher negra, que mora na periferia e trabalha mais de 12 horas por dia, são muito diferentes das necessidades de uma mulher branca, de classe média, que trabalha meio turno”. (Revista *Ártemis*, 2021, p. 210/ 211)

Dessa forma, o feminismo novamente aparece e inclui em sua luta novas questões para que as mulheres que optem pela maternidade/ maternagem, consigam exercer de forma plena seus desejos e direitos e consigam superar obstáculos impostos por raça e classe, já anteriormente mencionados no movimento pela interseccionalidade que é segundo a proposta de Kimberley Crenshaw (2000) a denominação da coexistência e interação de diferentes fatores ou eixos de subordinação capazes de produzir vantagens ou desvantagens para cada sujeito social, indivíduo ou grupo.

#### **4. TRABALHO DOMÉSTICO E ECONOMIA DO CUIDADO COMO LENTES INTERPRETATIVAS PARA ANÁLISE DO FILME “QUE HORAS ELA VOLTA?”**

O trabalho se consolida como fenômeno central na estruturação da sociedade tanto no âmbito público, quanto um elemento que afeta as relações privadas: indivíduos e seus aspectos sociais, culturais e relacionais. A variabilidade de espaços, funções, períodos históricos e transformações econômicas, políticas e sociais resultam na criação de parâmetros para ocupação e permanência de seus espaços, como por exemplo: formas de contratação, jornada de trabalho, remuneração, formação e capacitação. Tanto homens quanto mulheres foram afetados por essas transformações que o trabalho implementou, seja relacionado às revoluções industriais quanto pelas atualizações de sistemas econômicos.

A industrialização e a tecnologia cresceram exponencialmente com o avanço do capitalismo, aumentando a produtividade e transformando as economias globais. A maior divisão do trabalho levou a mais especialização nas funções laborais e maior eficiência nas operações industriais e comerciais. No entanto, paralelamente à esses avanços, o capitalismo também desempenhou um papel importante na perpetuação das desigualdades de gênero, em que

A tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre os sexos não podem, contudo, ser vistas isoladamente. Sendo a família a unidade econômica por excelência nas sociedades pré-capitalistas, a atividade trabalho é também desempenhada pelas mulheres das camadas menos privilegiadas. Embora não se possa falar em independência econômica da mulher (esta é uma noção individualista que nasce com o capitalismo), pois o trabalho se desenvolvia no grupo familiar e para ele, o mundo econômico não era estranho à mulher. (Saffioti, 1998, p. 17)

No entanto, como perpetuação das desigualdades houve uma divisão de gênero no mercado de trabalho, com homens dominando certos campos e funções enquanto a mulheres sobravam outras ocupações inferiores. Historicamente esta ideia se desenvolveu uma sociedade que se baseava em uma “noção de gênero como uma divisão social que realça a ideia de que as diferenças de gênero são predominantemente de origem social e estrutural, de modo que o homem, como uma categoria, possui mais poder social do que a mulher, também como uma categoria” (Santos, 2008, p. 355). Essa narrativa se manteve principalmente diante da divisão de tarefas que se organizava com base na força e nas capacidades reprodutivas de ambos os gêneros, consolidando uma sociedade que combina uma herança de desigualdades de gênero com normas culturais, expectativas sociais, políticas públicas e estruturas econômicas.

Com relação a esta divisão sexual do trabalho tem sido uma realidade marcante, demonstra como a sociedade se estruturou, culminando para que os homens estivessem em posições superior, responsáveis pelo sustento e comando da casa e as mulheres, carregam a maior parte das responsabilidades relacionadas aos cuidados com a família e às tarefas domésticas, promovendo uma

diferença entre trabalho de homem e trabalho de mulher e ainda estabelece um valor, sendo depreciado aquilo que é associado ao feminino. Assim, enquanto o homem é visto como poderoso, confiante e assertivo no ambiente de trabalho, essas mesmas características são vistas como autoritarismo, agressividade e frieza nas mulheres. (Bardwick, 1981 *apud* Dias, 2014, p. 26)

Esta realidade se manifesta tanto nas práticas de contratação quanto nas oportunidades de promoção, na falta de políticas de suporte, como creches acessíveis e licenças parentais adequadas, dificulta a conciliação entre trabalho e vida familiar, na ausência de apoio institucional quanto ao assédio moral e sexual e as políticas de igualdade de gênero que pouco são incentivadas e contribuem para um ambiente hostil que desencoraja a permanência das mulheres no mercado de trabalho. Todas estas situações culminam para o reforço da ideia de que afazeres domésticos são “tidos de responsabilidade da mulher, qualquer que seja sua situação social, sua posição na família e trabalhe ela ou não fora do lar.” (Bruschini, Lombardi, 2000, p. 70) No entanto, é relevante abordar que

quando esses afazeres são realizados pela dona-de-casa, no âmbito da família, eles não são considerados como trabalho e são computados pelas estatísticas como inatividade econômica. Entretanto, quando as mesmas atividades são realizadas por uma pessoa contratada para esse fim, mediante remuneração em bens ou espécie, elas passam a ser computadas como trabalho, sob o rótulo de

serviço ou emprego doméstico. Ou seja, apesar de sua natureza semelhante, as mesmas atividades têm significado diferente para a economia, caso sejam realizadas como prestação de serviços remunerados, ou por alguém da família, em geral uma mulher, sem qualquer pagamento. (Idem)

Isso acontece precisamente quando o capitalismo expande sua capacidade de comercializar as atividades humanas e principalmente quando estes serviços são responsáveis pela manutenção do desenvolvimento de atividades lucrativas e a reprodução econômica e social do sistema vigente, passam a ter um foco significativo porque

um dos fatores que impedem uma melhor situação da mulher no mercado de trabalho é a manutenção do modelo de família patriarcal, que confere a ela a responsabilidade pelas tarefas domésticas e a criação dos filhos. A dificuldade de conciliar as obrigações familiares com as atividades profissionais a colocam em desvantagem no mercado em relação aos homens, relegando-a, muitas vezes, a uma posição secundária. [...] (Neves, 2013, p. 407).

Esta posição é frequentemente colocada em segundo plano devido as desigualdades salariais entre mulheres e homens, e apesar de sua expansão, o trabalho originado das forças de trabalho femininas é regularmente voltado às discriminações sexuais que podem se intensificar e se atualizar conforme a época resultando em novos parâmetros de ocupação e permanência, que levam muitas mulheres a desistirem de alguns espaços principalmente pela

dificuldade de conciliar as obrigações familiares com as atividades profissionais que as colocam em desvantagem no mercado em relação aos homens, relegando-a, muitas vezes, a uma posição secundária [...] pois, se, por um lado, há um aumento da participação feminina em ocupações de maior formalização, proteção e qualificação, por outro, ainda há uma forte presença de mulheres em ocupações precárias, como é o caso das empregadas domésticas (Neves, 2013, p. 407/ 408)

A informalidade é outro aspecto relevante, muitas ocupações femininas no espaço doméstico são caracterizadas por serem informais, sem direitos trabalhistas garantidos, como férias remuneradas, licença-maternidade e proteção contra demissão sem justa causa. Este fato reflete e perpetua a precariedade e a desvalorização associadas ao trabalho realizado no lar sendo “as atividades do lar, consideradas: ‘trabalho de mulher’, são representadas como inferiores, o que colabora para que os homens deixem as mesmas para quem sempre as executou – as mulheres.” (Bardwick, 1981 *apud* Dias, 2014, p. 26). Estes então se tornam os principais motivadores para mulheres optarem pela retirada parcial ou total do mercado de trabalho.



#### 4.1. “Você é praticamente da família”: quando o afeto oculta a exploração

Ainda que necessário entender os aspectos que permeiam o mundo do trabalho, sua recepção com mulheres e suas mais variadas possibilidades é preciso entender que no ambiente doméstico as relações não são mais amenas ou ausentes das problemáticas de exploração e sim que a relação entre o espaço doméstico e a questão da ocultação da exploração através do afeto é complexa e multifacetada. A cultura patriarcal muitas vezes naturaliza o trabalho doméstico como uma expressão de amor e dever feminino, ocultando a exploração, pois o trabalho realizado é visto como parte do papel natural das mulheres,

Ao mascarar as situações de exploração, também se ocultam as problemáticas de uma realidade comum entre empregados domésticos, sob a justificativa de que fazem parte da rotina familiar, que podem acabar realizando uma série de tarefas não reconhecidas ou remuneradas e isso inclui cuidar de crianças, idosos, e outras tarefas que vão além do escopo de seu emprego formal.

E a frase “você é praticamente da família” utilizada no título, carrega um tom afetuoso, no entanto possui o poder de descaracterizar a relação de empregador e empregado, visto que, ao compará-la com família, desqualifica sua condição de trabalhadora, mas também não a insere nela. Esta exploração laboral se caracteriza “pelo fato de um grupo se beneficiar economicamente à custa de outro pela apropriação dos frutos do trabalho do grupo explorado. A apropriação do esforço de trabalho, por sua vez, requer que a atividade de trabalho seja dirigida e controlada dentro da organização social da produção” (Neves, 2013).

A ideia é que a relação afetiva substitui a obrigação de recompensar de maneira justa o trabalho realizado além disso, empregados domésticos podem acabar realizando uma série de afazeres não reconhecidas ou remuneradas. Entende-se por afazeres domésticos, na PNAD,

a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho) de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; limpar o quintal ou terreno que circunda a residência. (Bruschini, 2002, p. 338)

Esse cenário é comum em muitos lares onde a fronteira entre o pessoal e o profissional acaba se rompendo fazendo com que o trabalhador sinta que deve aceitar

certas condições que vão além do seu contrato de trabalho. Além disso, essa frase presente no título, pode implicar uma expectativa de disponibilidade constante e flexibilidade que não é exigida de um trabalhador comum, como: exigir trabalho em horários não convencionais, sem a devida compensação financeira ou reconhecimento de horas extras sob a justificativa de que fazem parte da rotina família.

Ao abordar a importância do trabalho doméstico é inaugurada a concepção de economia do cuidado, como categoria essencial da estrutura que sustenta o bem-estar e o funcionamento das sociedades visto que passa a quantificar e conceituar atividades até então ignoradas pelo corpo social e que têm impacto tanto na economia, bem como na vida dos indivíduos.

#### **4.2. Compreendendo a economia do cuidado**

É para o espaço doméstico que parte das mulheres vai quando lhe é dificultado ou negado o acesso a outros ambientes da sociedade e este por sua vez possuem desempenha um papel central na concepção do conceito que estava emergindo: a economia do cuidado, que se refere ao trabalho não remunerado de cuidado prestado dentro das famílias e domicílios. Este conceito abrange uma série de atividades essenciais para a reprodução da força de trabalho e o bem-estar social sendo o trabalho doméstico e de cuidado, historicamente, realizado de forma não remunerada, principalmente por mulheres, dentro do ambiente familiar. Esse tipo de trabalho inclui atividades como limpeza, cozinha, cuidado de crianças, idosos e pessoas doentes, entre outras responsabilidades relacionadas ao bem-estar da família, conforme afirma Posthuma (2021):

A economia de cuidado envolve um grande leque de atividades sociais e econômicas. A força de trabalho no cuidado abrange desde quem trabalha em setores de cuidado, que incluem, por exemplo, educação, saúde e serviços sociais, bem como quem realiza o trabalho doméstico. Também inclui o trabalho de cuidado em outros setores, como o serviço de limpeza e cozinheiros em setores não diretamente vinculados com o cuidado (OIT, 2018a). Estima-se uma força de trabalho global no cuidado de 381 milhões de pessoas – sendo 249 milhões de mulheres e 132 milhões de homens (op. cit.). (Posthuma, 2021, p. 29)

Essas tarefas, apesar de essenciais para a manutenção da vida e reprodução social, são frequentemente invisibilizadas e desvalorizadas na economia tradicional conforme afirma Bruschini (2002) visto que mediante levantamentos censitários as atividades domésticas não eram contabilizadas como uma atividade econômica mesmo que

ocupassem um tempo considerável da vida de diversas mulheres, no entanto vale salientar que: “censos demográficos –, não eram menores os problemas relativos à subestimação da atividade econômica feminina. Isto porque tal pesquisa sempre se pautou também por uma concepção de trabalho associada ao emprego capitalista, não sendo, portanto, um instrumento sensível para captar outras formas de organização do trabalho” (Bruschini, 2002, p. 334). Contudo, a nova PNAD passou a considerar demandas de mulheres que não eram contempladas pelos antigos padrões de análise e movimentos sociais visando incorporar a nova dinâmica socioeconômica a fim de captar as categorias importantes (Bruschini, 2002), porém invisíveis, então,

as principais alterações se deram em relação ao conceito de trabalho e desemprego. A definição de trabalho passou a ser a de ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou mercadorias, ou somente benefícios. A jornada de trabalho não-remunerado considerado ocupação passou a pelo menos uma hora por semana. Foi incorporado o conceito de trabalho para autoconsumo e autoconstrução, desde que realizados com jornada superior a uma hora por semana. Estas alterações, além de darem conta das novas condições de funcionamento do mercado de trabalho. (Bruschini, 2002, p. 334)

Para além do debate do cuidado como trabalho ou não, remuneração e o impacto dessas atividades para a economia, há também a desatenção por parte do Estado e da sociedade civil com essas atividades e com quem as exercem, porque: “[...] lhes foi atribuído a invisibilidade e o status de naturalização, como algo intrínseco, às mulheres”. (Moser; Muller, 2022, p. 3).

Com tantas nuances de desigualdades e situações invisíveis, este campo torna-se alvo de luta feminista ao ficar evidente a abordagem de gênero como categoria central e suas relações, além da valorização de atividades unicamente ligadas à criação de filhos, cozinhar, cuidar da casa dentre outras atividades a fim de entender as diferenças das dinâmicas entre homens e mulheres quanto ao uso do tempo e a importância de sua articulação com a reprodução econômica e social.

Tendo em vista que “se trate o tempo do chamado trabalho doméstico como tempo para a reprodução social, entendendo-o como fundamental para resolver alguns problemas da acumulação capitalista que não se equacionam no sistema generalizado de trocas realizado através da moeda (DEDECCA, 2004, p. 25 apud Bruschini, 2002, p. 336). O trabalho doméstico e a economia do cuidado permaneceram invisíveis e ausentes de conceitos que os definissem considerando que tal iniciativa teria importância para melhorar condições de vida e trabalho e orientar ações políticas, porém logo:

não tiveram dificuldade em mostrar o estreito vínculo entre trabalho remunerado e não remunerado. Esta nova perspectiva de análise articulando a esfera da produção econômica e da reprodução social, permitiu observar as

consequências das obrigações domésticas na vida das mulheres, limitando seu desenvolvimento profissional. Com carreiras descontínuas, salários mais baixos e empregos de menor qualidade, as mulheres muitas vezes acabam por priorizar seu investimento pessoal na esfera privada. (Bruschini, 2002, p. 338)

Desenvolvido no ambiente doméstico, exercido pela família e sem remuneração a economia do cuidado como já citado guarda desdobramentos importantes da sociedade e seu funcionamento, além de informações valiosas sobre o principal grupo envolvido e responsável pela sua execução, mulheres que

não participam no mercado de trabalho carecem da independência econômica e, também, podem estar sem proteção social, no caso de não estar vinculadas ao plano do membro familiar que está empregado (op. cit.). estão mais propensas a serem autoempregadas ou autônomas, pela necessidade de flexibilidade para conciliar o cuidado com sua atividade econômica. Estas mulheres contribuem menos para o sistema de previdência que os homens. Um estudo recente indicou que 62% das cuidadoras não remuneradas trabalharam na economia informal – contra 56,8% das mulheres sem responsabilidades de cuidado – e apenas 47,4% de cuidadoras não remuneradas contribuíram à previdência – contra 51% das mulheres sem responsabilidades de cuidado (OIT, 2018a). (Posthuma, 2021, p. 20)

A economia do cuidado desempenha um papel fundamental na estrutura social, econômica e cultural. Ao considerar abordá-lo e debatê-lo é possível trazer a tona discussões sobre a qualidade de vida das mulheres e seu recortes, permitindo-lhes participar e ter voz para denunciar, sugerir e reivindicar.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema, como uma expressão artística poderosa, desempenha um papel crucial na reflexão e disseminação de ideias sobre temas como feminismo, interseccionalidade, maternidade e maternagem. Esta arte oferece um espaço singular para explorar e amplificar as vozes e experiências das mulheres, desafiando estereótipos arraigados e promovendo discussões sobre igualdade de gênero e justiça social. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise filmica do título “Que horas ela volta?”, visando identificar os tipos de relações sociais presentes na realidade brasileira e o impacto das desigualdades de classe e raça na vida das mulheres e mães. De forma que foi possível, por meio de obras cinematográficas, sejam elas documentários, dramas ou narrativas ficcionais, as complexidades das dinâmicas de poder, as lutas e triunfos das mulheres, assim como a interseccionalidade que permeia suas vidas, ganham visibilidade e geram reflexões transformadoras na sociedade. Ao mesmo tempo, o cinema é uma ferramenta poderosa para repensar conceitos sobre maternidade, revelando as nuances da experiência materna, explorando desafios, alegrias e as diferentes formas de cuidado, desconstruindo visões limitadas e convidando a uma compreensão mais ampla e inclusiva desses temas interconectados.

Ao relacionar a obra “Que horas ela volta?” aos aspectos feministas, gerando reflexões acerca da maternidade e maternagem, trabalho doméstico e economia do cuidado é possível alcançar os objetivos pretendidos por meio da articulação de aspectos palpáveis do cotidiano com referências teóricas que permitem análises sólidas do discurso que debate raça e sobretudo o trabalho doméstico remunerado no Brasil, que revela traços da formação social e histórica brasileira presentes na relação entre patrão e empregados abrindo margens para análises de questões de natureza geracional mas também de classe de raça e de gênero. Pode se configurar em potente ferramenta educativa e pedagógica na educação para se discutir o trabalho doméstico no Brasil, classe social e traços da formação da sociedade brasileira, e ainda possibilita o diálogo com o Serviço Social, de forma a contribuir com a proposta e objetivo do Projeto Ético-Político, marco fundamental na orientação da prática profissão, a fim de garantir direitos e promover a justiça social, equidade e a defesa dos interesses das classes trabalhadoras.

Essa pesquisa não pode ser desvinculada da análise e reflexão sobre questões que envolvem feminismo, maternidade, maternagem, trabalho doméstico e economia do cuidado, uma vez que todas essas temáticas estão intrinsecamente relacionadas com a luta por direitos e com a promoção da equidade de gênero, classe e raça, visto que a análise crítica dessas questões permite uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados

pelas mulheres na conciliação entre a vida profissional e os cuidados com os filhos, além de evidenciar as relações de poder e as desigualdades que permeiam esses processos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Angélica Kely. Capítulo 2: O Trabalho doméstico remunerado: um espaço racionalizado. In: Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerados no Brasil. IPEA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11442> . Acesso 24 fev. 2024.

Academia Internacional de Cinema. A História do Cinema Brasileiro, 2018/2019.

\_\_\_\_\_. História do Cinema: da sua origem aos dias de hoje, 2023.

ALMEIDA, L. S. DE. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. Revista do Departamento de Psicologia. UFF, v. 19, n. 2, p. 411–422, jul. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200011>

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo. Editora Pólen, 2019.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Nova Fronteira, 2. ed. 268 p. Rio de Janeiro, 1985.

BARBOSA, Paloma, Lima, Debora, Santos, Dionisia. **Os impactos da idealização da maternidade na saúde mental da mulher contemporânea**. Centro Universitário – UNA, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17238>. Acesso em 10 jan. 2024.

BILAC, E. D. Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 76, p. 71–73, 1991. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1057> . Acesso em: 27 maio. 2024.

BORTOLINI, A. C. S. OLTRAMARI, A. SCHERDIEN, C. Relações de trabalho e cinema: uma análise do filme “Que Horas Ela Volta?”. Farol: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 5, n. 12, p. 130-197, 2018. Disponível: <http://hdl.handle.net/10183/179130>. Acesso 13 jan. 2024.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? Revista Brasileira de Estudos de População, v. 23, n. 2, p. 331–353, jul. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982006000200009> . Acesso em 20 jul. 2024.

CARNEIRO, Elane Mendonça Conde. **A representação social do assistente social no cinema contemporâneo: uma análise do cinema norte-americano dos anos 1980 ao**

ano 2012. 2014. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2014) – Universidade Estadual do Ceará, 2014. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=78884> Acesso em: 11 de março de 2024.

CARNEIRO, Sueli - Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Geledés, 2013.

CNN BRASIL. Participação de mulheres no mercado de trabalho é 20% inferior à dos homens, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-20-inferior-a-dos-homens/> . Acesso em 20 de maio de 2024.

COSTA, Ana Alice Alcântara. SARDENBERG, Cecília Maria B. O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. In: COSTA, Ana Alice Alcântara. SARDENBERG, Cecília Maria B. (Org.). Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Tradução de Angela Figueiredo e Jesse Ferrell. Cadernos Pagu, n. 51, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510018> . Acesso em: 13 jul. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. V. 5, nº1, 2017.

CRIOLA. Mulheres Negras e Justiça Reprodutiva”. 2020/2021.

DIAS, Ana Cristina Garcia, FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 15, nº. 1, p.25-35, jun. 2014. ISSN 1679-3390 Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em 15 fev. 2024.

GOMES, A.G, et al. Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, v. 13, n. 1, p. 63–72, jan. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000100008> . Acesso em 03 jun 2023.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte. MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. *Pensando fam.* [online]. 2014, vol.18, n.1, pp. 55-62. ISSN 1679-494. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006) . Acesso em 14 jun 2023.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, v. 26, n. 1, 2014.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvi Libanio. 16ª edição, Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Tempos, 2021.

Instituto Cinema. *A Origem do Cinema*, 2015.

LAGO, M. C. DE S. et al. Gênero, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 19, n. 44, p. 357–366, set. 2009.

LEAL Cláudia Luiz. Maternidade Distanciada: Vivência de mães sobre o ajuste entre Maternidade e Profissão, da gestação ao retorno ao trabalho. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia. Porto Alegre, Março/2013.

Melhor RH. **30% das mulheres deixam o trabalho para cuidar dos filhos**, 2019.

Disponível em: <https://melhorrh.com.br/30-das-mulheres-deixam-o-trabalho-para-cuidar-dos-filhos/>. Acesso em 18 de jul. de 2024

MENDONÇA, Maria Collier. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. Revista Ártemis, vol. XXXI nº 1; jan-jun, 2021. p. 56-72.

MOSER, Liliane, MULLER, Eliane Fransieli. Economia do cuidado: Um debate conceitual. IV Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Política Social (2022). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/242785>. Acesso em 03 fev 2024.

PENAFRIA, M. (2009). Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). Anais do Congresso SOPCOM, Lisboa, Portugal, VI.

PEREIRA, Thaís Cardoso. Relações de poder nos novos modelos de Casa Grande: empregadas domésticas e os velhos senhores de engenho no século XXI. 2020. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 15–23, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>. Acesso 07 jun 2023.

PIRES, Elaine Muniz. A blogosfera materna é branca: trabalho, feminismos, raça e classe na blogosfera materna brasileira. Revista Ártemis, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/60140>. Acesso em: 03 jul. 2023.

POSTHUMA, Anne Caroline. Capítulo 1 – A economia de cuidado e vínculo com o trabalho doméstico: o que as tendências e políticas na América Latina podem ensinar ao Brasil. In Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerados no Brasil. IPEA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11441>. Acesso em 14 dez. 2023.

“Que Horas Ela volta?”. Direção: Anna Muylaert. Rio de Janeiro: Globo Filmes, Gullane, África Filmes, 2015. DVD (114 min.), NTSC, son., color., Port.

QUELOTTI, Amanda Mendonça; Ribeiro, Anna C. Pinto. Maternidade e maternagem: quando o biológico e psíquico não se encontra. Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 331-354, jan./jun. 2022.

ROCHA, M. I. B. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da dominação? (Brasil, 1985/95). In: (Org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências**



e desafios. São Paulo: Abep, Nepo/Unicamp, Cedeplar/UFMG, Editora 34, 2000, p. 13-58.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade. Moderna, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. Emprego doméstico e capitalismo. Petrópolis, Vozes, 1978.

SANTOS, J. A. F. Classe social e desigualdade de gênero no Brasil. Dados, v. 51, n. 2, p. 353–402, 2008.

SOUZA, Luciana C. Teixeira. Papéis Sociais de Gênero e Conflitos nas Dimensões de Raça, Classe e Geração de Mulheres – Mães no Município de Vitória da Conquista – BA. Revista Ártemis, vol. XXXI nº 1; jan-jun, 2021. p. 132-157.

TAVARES, Cássia Jorge. A cidade construída no cinema: Uma análise do filme “O som ao redor” de Kleber Mendonça Filho. 2016. P. 1-63. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/15731> .

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre análise fílmica. Tradução de Marina Appenzeller. 7. ed. Campinas, SP: Papiros, 2012.